

# “Nunca desperdice uma crise”: saúde mental e o lado “B” da pandemia

Fernando José Ciello

Ao longo da pandemia causada pelo coronavírus, convivemos com a divulgação de estratégias destinadas a mitigar os efeitos da prática do isolamento social. Tomada como uma tática crucial para a interrupção dos quadros de infecção, a quarentena foi também um difícil momento de afastamento entre pessoas, bem como de produção de novos condicionamentos sociais. A centralidade ocupada pelo universo digital nesse momento foi inegável. As redes sociais tornaram-se um lugar privilegiado de produção de conteúdos e de organização do “novo normal”, como se chamou algumas vezes. Dicas da vida cotidiana, práticas terapêuticas, mensagens, notícias, imagens, comunicações científicas, conferências, encontros, *lives* e uma lista ampla de atividades quase sempre circunscritas ao virtual fizeram parte de nossas vidas cotidianas.

A diversidade de tais atividades foi ampla na mesma medida em que foram diversos também os modos por meio dos quais os sujeitos passaram a viver suas vidas. Muito do que se imaginou tendo o virtual como mediação possível na pandemia deixou também muitas pessoas à margem de alternativas para viver o mesmo período. Diferentes pessoas, portanto, viveram de modos diferentes a experiência do isolamento, incluindo aí os sujeitos que não tiveram a oportunidade de praticar efetivamente qualquer forma de distanciamento social (Maluf, 2021).

Ainda que o isolamento social não tenha sido uma estratégia de biossegurança tão abrangente como se quis acreditar, ele ocupou um lugar central em nossas representações sobre a pandemia e foi tomado por diversos atores como um nexos para interpretar, entre outras coisas, a piora nas condições emocionais da população em nível mundial, assim como o aumento de diagnósticos de natureza psiquiátrica (Lima, 2020). A “piora na saúde mental” vem sendo propagada como uma das grandes

consequências da pandemia já desde os anos de 2020 e 2021, e tomada como uma consequência inequívoca, entre outras coisas, da ausência de momentos de sociabilidade ocasionada pelo distanciamento.

Dizem Freitas e Amarante (2022) que, no contexto da pandemia, com a ampliação da insegurança, o que se argumentou foi uma correlação imediata com o aumento dos problemas ditos psiquiátricos. Essa correlação imediata, por sua vez, conduziu à ideia de que o necessário seria aumentar a rede capacitada a emitir diagnósticos e prescrever psicofármacos. De um lado, portanto, o desejo por um novo modelo de sociedade acabou coexistindo com o aprofundamento da psiquiatrização da vida e com a proliferação de diagnósticos, sobretudo pelas redes sociais. De outro lado, como sugeriu Maluf (2020), o “tempo das respostas” durante a pandemia confundiu-se inevitavelmente com o “tempo da experiência”, e não tivemos condições de apenas analisar o evento enquanto acontecia, mas também sofremos coletivamente o medo, a insegurança, a tristeza, as mazelas de um governo negacionista e os afetos tão múltiplos da pandemia.

O objetivo deste ensaio é explorar possibilidades analíticas a respeito do encontro entre pandemia, isolamento social e saúde mental a partir de dados obtidos na vivência-observação das redes sociais ao longo da pandemia. Ele é produto da ambiguidade entre viver os múltiplos afetos do momento e tentar analisar o que ocorria. Apresento aqui uma contribuição que tenta dialogar com a heterogeneidade de dados que emergiram do virtual, os quais compõem o principal tipo de conteúdo que discuto aqui, buscando analisar as conjecturas que foram levantadas sobre as relações entre pandemia e saúde mental. Discussões sobre três tipos de materiais encontram-se neste ensaio: postagens feitas por páginas específicas, principalmente no Facebook e no Instagram; notícias jornalísticas; e dados veiculados por agências internacionais.

O ensaio se inicia com uma descrição dos procedimentos adotados na investigação e com uma breve digressão sobre pesquisar no virtual. Em seguida, caminha-se para a discussão sobre a ambígua representação da pandemia, tanto como contexto que resultou no aumento de transtornos psiquiátricos quanto como tempo de oportunidades para transformação individual e social, o que se chamou às vezes de “lado B da pandemia”. Ao final, tento demonstrar como a saúde mental pode tornar-se uma categoria útil para a análise de relações na contemporaneidade, na medida em que parece se transformar em uma linguagem capaz de mobilizar diferentes agentes.

## Nota sobre a pesquisa

Ao longo do isolamento social, com atividades profissionais paralisadas e pouco ou quase nenhum contato físico com amigos e família, as redes sociais transformaram-se em uma chance de saber como outros viviam o período, o que se passava no mundo, relatórios de saúde, informes quase ininterruptos do mundo “de fora”. Num primeiro momento, mantive um pequeno diário virtual de observações sobre postagens e notícias a que assistia e interagi em alguns grupos de discussão. Ao longo do tempo, algo despretensiosamente, passei a salvar postagens em meus aplicativos, especialmente aquelas em que havia mensagens de tom prescritivo quanto ao que fazer na pandemia, discursos de autoajuda, dicas profissionais, ou mensagens em geral com alguma orientação para práticas de saúde e/ou saúde mental. Acumulei uma quantidade significativa de materiais e comecei a prestar atenção em páginas e postagens cujos conteúdos articulavam noções de crise e de oportunidade em diferentes lógicas. Segui algumas dessas páginas ou perfis, de *coaches*, profissionais de saúde, comunidades alternativas, entre outras. Expressões como “nunca desperdice uma crise” ou “o lado B da pandemia”, tratadas neste ensaio, então me chamaram a atenção, pois foram amplamente utilizadas por diferentes atores, não apenas circunscritas às redes sociais.

No início de 2023, recuperei o diário, as postagens e as imagens e passei a usar um recurso disponível no Instagram e no Facebook que permite também verificar as interações feitas pelo usuário em determinado período. Filtrei minhas interações desde meados de março de 2020, quando começaram a aparecer postagens em que questões relacionadas diretamente com saúde mental ou com estratégias de enfrentamento figuravam, e então tentei escrever a respeito disso. Apesar de haver um sistema, fiz essa retomada de modo pouco sistemático – salvando imagens, mensagens, copiando interações minhas com outras pessoas e também acessando artigos e notícias que direcionavam para fora das redes.

Retomar minhas interações nas redes mostrou muitas coisas, nem todas de interesse para este ensaio. Mas ficou claro que havia uma repetição de algumas informações em diferentes postagens, especialmente a alegação da “piora da saúde mental” e, paradoxalmente, da descrição da pandemia como oportunidade.

Não é uma tarefa fácil compreender os sentidos dessa alegada piora na saúde mental. Em primeiro lugar, a expressão “saúde mental” tem passado a ocupar na vida contemporânea um espaço bem mais abrangente do que aquele exclusivo do universo dos saberes *psi*, habitando representações sobre bem-estar de modo mais ampliado na medida em que se multiplicam estudos sobre suas correlações com diversas realidades climáticas, culturais, políticas, ambientais, econômicas, entre outras (Adams, 2020; White, 2020). Ao mesmo tempo, a saúde mental também aparece como uma categoria comum, principalmente nas redes sociais, para descrever a busca ou a adoção de práticas de autocuidado e experiências religiosas, até mensagens motivacionais de profissionais diversos, terapeutas, entre outros. Não se trata, portanto, de uma expressão apenas polissêmica, mas do modo como em torno da “saúde mental” parecem mobilizar-se diferentes sujeitos em novas articulações sobre bem-estar e saúde.

Estou ciente de que minha exposição a postagens com determinados temas aumentou a probabilidade algorítmica de que conteúdos semelhantes seguissem aparecendo. Portanto, trato esses dados como insinuações possíveis do mundo virtual e o combustível para alimentar esta reflexão. A pretensão, portanto, não é exaurir as possibilidades de uma antropologia a partir do virtual no contexto da pandemia, nem de negar a importância dos comportamentos coletivos e das relações sociais, mas sim de ensaiar algumas ponderações sobre a constituição da saúde mental como uma categoria que incide prescritivamente sobre sujeitos e práticas no contemporâneo, implicando conceituações que se pretendem universais sobre esse mesmo “social” e sobre essa “saúde mental” que são veiculadas nas redes sociais.

## Pandemia, saúde mental e distanciamento social

Um dos discursos associados ao isolamento social durante a pandemia foi aquele que referia uma relação intrínseca entre o adoecimento psíquico e a quarentena.<sup>49</sup> Chama a atenção a intensa produção científica a esse respeito, nas mais diversificadas vertentes

---

<sup>49</sup> VAN HOOFF, E. Lockdown is the world's biggest psychological experiment – and we will pay the price. *World Economic Forum*, [s. l.], 9 abr. 2020. Disponível em: <https://www.weforum.org/agenda/2020/04/this-is-the-psychological-side-of-the-covid-19-pandemic-that-were-ignoring/>. Acesso em: 2 jun. 2024.

teóricas e metodológicas. Buscando pela expressão “adoecimento psíquico e distanciamento social”, o Google Scholar retorna 12,3 mil resultados, especificamente para o período compreendido entre 2019 e 2022. Outras expressões, tais como “saúde mental na pandemia”, “saúde mental e quarentena”, “saúde mental, atenção psicossocial e pandemia”, para o mesmo período, resultam em números também impressionantes, todos acima da marca das 10 mil publicações, até o incrível número de 16,9 mil para a pesquisa dos descritores “isolamento social, saúde mental, pandemia”.

Existe, claro, uma sobreposição de alguns resultados, mas ainda assim os números são impressionantes. Vários desses estudos se baseiam em questionários *on-line* de mapeamento de emoções e sensações decorrentes da vivência do isolamento, tais como a quantidade de vezes em que o sujeito respondente sentia medo ou vergonha, ou quando e em que intensidade se percebia como um sujeito deprimido, se apresentava dificuldades no sono, a regularidade e a quantidade das refeições, autopercepção de ansiedade, irritação, crises de choro, entre outras variáveis. No âmbito dessas pesquisas e questionários, palavras como “ansiedade” e “depressão”, além de diagnósticos, também aparecem descritas como “sintomas”, potencializando o sentido de categorias que já são amplamente associadas com uma gama de fatores na vida contemporânea.

A associação entre emoções percebidas e pandemia, particularmente o isolamento social, foi tomada quase instantaneamente como natural e não problemática. Não à toa, muitos dos artigos que tratam desses impactos associam-se com outra ideia, disponível no campo da psicologia das emergências e dos desastres, que toma como pressuposto central a existência de influências em saúde mental decorrentes de tais eventos. Esses pressupostos entranham-se fundo nas concepções do campo biomédico e dos saberes *psi*, e não há uma discussão ampliada sobre que saúde mental se busca restabelecer quando se trata desses efeitos. O discurso apresentado em várias dessas publicações refere a necessidade de reintegração social e adaptação (Afonso, 2020; Faro *et al.*, 2020; Fogaça *et al.*, 2021; Ornell *et al.*, 2020; Ribeiro *et al.*, 2020; Ribeiro; Nogueira, 2020; Santana *et al.*, 2020; Schmidt *et al.*, 2020), reforça a repercussão da pandemia e da quarentena na saúde mental e, em outros casos, investe em explicações neurocientíficas para os impactos da covid-19 na saúde mental (Raony *et al.*, 2020).

Não se trata de negar os processos adaptativos humanos a diferentes circunstâncias, mas de compreender os sentidos de saúde mental em jogo nesses trabalhos. O efeito parece ter sido uma intensificação na discussão sobre diagnósticos de transtornos mentais, não somente no que tange às práticas associadas aos serviços médicos, mas também em uma ampla difusão de informações sobre o assunto. Muitos dos estudos não apresentam também qualquer esforço de refletir de modo mais ampliado sobre saúde mental, atravessamentos políticos e sociais. O que se observa, nessa linha, é um uso impreciso de “saúde mental” como uma característica mais ou menos óbvia do mal-estar causado pela pandemia e pela quarentena e, dessa forma, capaz de ser articulada, de maneira não problemática, com uma grande diversidade de sujeitos de pesquisa: profissionais de saúde, universitários, docentes, crianças, adolescentes, idosos e, virtualmente, qualquer sujeito/objeto. Sumariamente, várias pesquisas partem do dado tomado como universal do “impacto da pandemia na saúde mental” e apenas buscam verificar como cada grupo de sujeitos agiu diante dos sintomas percebidos nesse contexto.

Um efeito importante aqui, nessa perspectiva, é o manuseio da “saúde mental”, categoria reconhecidamente complexa e polissêmica (Amarante, 2007), mas que também se vê cada vez mais desamarrada dos sentidos imediatos atribuídos no chamado “campo da saúde mental”. Quando anunciam os impactos da pandemia na saúde mental, páginas como a da BBC News,<sup>50</sup> do G1,<sup>51</sup> do Ministério da Saúde brasileiro<sup>52</sup> ou da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)<sup>53</sup>, por exemplo, o

---

<sup>50</sup> COVID: saúde mental piorou para 53% dos brasileiros sob pandemia, aponta pesquisa. *BBC News*, [s. l.], 14 abr. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56726583>. Acesso em: 6 fev. 2023.

<sup>51</sup> DEUTSCHE WELLE. Saúde mental global piorou na pandemia, diz OMS. *G1: Saúde*, [s. l.], 17 jun. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/06/17/saude-mental-global-piorou-na-pandemia-diz-oms.ghtml>. Acesso em: 2 jun. 2024.

<sup>52</sup> QUEIROZ, L. Realidade imposta pela pandemia pode gerar transtornos mentais e agravar quadros existentes. *Ministério da Saúde*, [s. l.], 10 out. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2021-1/outubro/realidade-imposta-pela-pandemia-pode-gerar-transtornos-mentais-e-agravar-quadros-existentis>. Acesso em: 6 fev. 2023.

<sup>53</sup> OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Pandemia de covid-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo. *OPAS*, [s. l.], 2 mar. 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>. Acesso em: 6 fev. 2023.

fazem baseando-se principalmente na ideia de que as instituições sociais dependem do bem-estar psíquico dos sujeitos. Em um resumo sobre a saúde mental global em 2022, a OPAS fornece dados interessantes a esse respeito, de um aumento de 25% na prevalência global de ansiedade e depressão, e defende a necessidade de mais investimentos em saúde. O mesmo texto conduz a outro relatório, publicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2022,<sup>54</sup> sobre as evidências científicas do impacto da pandemia na saúde mental mundial, relatório este que parte de um *Policy Brief* emitido pela Organização das Nações Unidas (ONU) ainda em maio de 2020, já atestando os impactos da pandemia de covid-19 na saúde mental e demandando uma maior disponibilidade de serviços de emergência em saúde mental. Esse mesmo relatório da OMS apareceu em diferentes publicações e serviu como um termômetro em distintas interpretações sobre os impactos da pandemia, sendo repetido também em publicações científicas, postagens nas redes sociais e nas mídias.

Já desde o início dos anos 2000, no entanto, a OMS vem anunciando a persistência de problemas de saúde mental em nível mundial, além de prognósticos altamente preocupantes. Em seu resumo de 2020, já de largada, a “boa saúde mental” é tomada pela ONU como “um aspecto crítico para o funcionamento da sociedade”, e, em face de uma crise como a que viria, pelo coronavírus, certamente haveria um impacto na saúde mental.

Os relatórios das agências humanitárias, assim como muitas das publicações científicas, acabam contribuindo não exclusivamente para uma ação conjunta ou para o melhoramento dos serviços existentes, mas para reforçar o modelo de propagação de diagnósticos e de patologização do social, na medida em que também não avançam na direção de uma melhor discussão sobre a noção de “saúde mental” ou sobre o fato de que as categorias clínicas da psiquiatria são também sociais e circulam por sistemas de valores mais amplos e de implicações constantes (Safatle, 2020).

Corbanezi (2021) lembra que o relatório sobre a saúde no mundo emitido pela OMS em 2001 já elegia a saúde mental como uma virada necessária de paradigma no alvorecer do novo século. Para o autor

---

<sup>54</sup> WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Mental health and covid-19: early evidence of the pandemic's impact: scientific brief*. [S. l.]: WHO, 2022. Disponível em: [https://www.who.int/publications/i/item/WHO-2019-nCoV-Sci\\_Brief-Mental\\_health-2022.1](https://www.who.int/publications/i/item/WHO-2019-nCoV-Sci_Brief-Mental_health-2022.1). Acesso em: 6 fev. 2023.

(*idem*), apesar de a noção ter sido o efeito de um conjunto variado de perspectivas reformadoras que vinham desde a segunda metade do século XX, a saúde mental somente passou a ocupar o amplo espaço e a receber o reconhecimento atual em tempos mais recentes. Segundo Corbanezi (*idem*), a OMS colaborou justamente para a difusão de uma percepção que reafirmava o conceito de saúde que incluía o qualificativo “mental” (OMS, 1946), além de valorizar a indústria de psicofármacos em franco desenvolvimento e também reforçar uma ideia de saúde mental como capacidade de adaptação social.

A produção de dados sobre o impacto na saúde mental se ampara, portanto, no alto grau de legitimação que a categoria tem alcançado nas últimas décadas e no constante tratamento desta como um “fenômeno” autoevidente pelas diferentes agências internacionais. Essa produção se ampara também no fato de que a noção de saúde mental que é articulada aí está mais próxima da busca por um rendimento idealizado das instituições sociais e dos sujeitos no âmbito do neoliberalismo, bem como do problema da perda da capacidade produtiva destes. O que está implicado em tais relatórios e pesquisas, assim, não é a categoria em si mesma, seus atravessamentos e, efetivamente, seus impactos nos diferentes setores da sociedade, mas a continuidade da propagação do amplo processo de diagnosticar transtornos psíquicos que caracteriza o tempo presente e que, como sugere Caponi (2022), revela-se uma estratégia eficaz para garantir a governamentalidade dos corpos no neoliberalismo.

Outro efeito importante dessas publicações e desses documentos é o modo como acionam a categoria “social” ou sua falta como causadora de transtornos mentais. Uma implicação desse uso emerge, talvez, da própria defesa de modelos de atendimento em saúde mental que vislumbram a reinserção dos sujeitos em tratamento em contextos de trocas sociais que não sejam restritos a contextos clínicos ou hospitalares. Há uma ambiguidade inerente na busca por essas alternativas, na medida em que a ampliação do escopo de atuação da clínica deixa de ser exclusivamente o tratamento dos sujeitos individualizados no ambiente institucional e passa a abranger também as relações fora dos contextos de tratamento.

Existe, portanto, por um lado, uma noção de “social” como um epifenômeno da condição humana e complementar a outras “esferas” que lhe constituem, cuja totalidade e integralidade são desejadas para um bom desempenho social e terapêutico. E existe ainda, por outro lado, o “social” como dimensão terapêutica em si mesma, dado que seria na conformação e no ajustamento do sujeito em tratamento às expectativas e vicissitudes do social, representado por suas famílias, seus trabalhos e

outros convívios, que se produziram efetivas desinstitucionalização e ressocialização (Ciello, 2013). As políticas envolvidas com a efetivação da Reforma Psiquiátrica, nesse sentido, como sugere Maluf (2015), tanto baseiam-se em um modelo de direitos humanos, democratização e universalização da atenção em saúde quanto, ao mesmo tempo, acabam reproduzindo também o mecanismo de biogitimidade, implicado na medicalização e na psiquiatrização da vida social.

Postagens nas redes sociais capturam, assim, categorias como “social” e “saúde mental” nessas ambiguidades que elas carregam. Elas aparecem em correlação com uma busca de bem-estar na pandemia, por meio de uma variedade muito grande de atividades virtuais. Os documentos de organizações e pesquisas, por sua vez, repousam também no social como um dado superado da relação entre saúde mental e pandemia. Nesses espaços, articula-se uma compreensão da saúde mental como um conjunto das “qualificações” necessárias para habitar a pandemia e o contemporâneo, como nas imagens que veremos na próxima sessão. Na medida em que representam uma prescrição de “bem-viver” no mundo pandêmico, a categoria da saúde mental se faz crucial como uma forma de empurrar a sociedade para a busca de alternativas que garantam a permanência do atual modelo societário, ao contrário de provocar novas formas sociais, como foi alardeado durante a crise do coronavírus.

## As oportunidades da pandemia

A ideia de que a crise do coronavírus foi uma oportunidade apareceu em diferentes contextos ao longo da pandemia. Algumas das mensagens veiculadas nas postagens nas redes sociais, embora variadas, se relacionaram com o que foi chamado de “aspectos positivos” da vivência do distanciamento ou de “lado B da quarentena”.

Sem entrar no mérito dos variados modos de interpretar tais enunciados, o que interessa ressaltar aqui é o modo como o discurso da oportunidade contribuiu para a manutenção de uma noção de saúde, e de saúde mental, que prossegue pressionando os sujeitos para um desejo de produtividade e de autogestão do sofrimento, escamoteando cada vez mais o papel do Estado na formulação e na manutenção de políticas de bem-estar. A oportunidade é um dispositivo central em uma leitura da pandemia, pois ela está implicada nas diferentes e instáveis maneiras por meio das quais torna-se sujeito no contemporâneo e, mais importante,

em como servem, continuando o argumento da sessão anterior, para aprofundar a presença da saúde mental em uma variedade de artefatos cotidianos, como uma nova forma de cultivar o eu.

O “neosujeito”, conforme Dardot e Laval (2016, p. 327), que “trabalha para sua própria eficácia, para a intensificação de seu esforço, [...] como se esta lhe fosse comandada de dentro por uma ordem imperiosa de seu próprio desejo [...]”, é um traço da sociedade contemporânea. Enquanto no modelo utilitarista o aparecimento da alcunha “social” (direitos, políticas) produzia uma forma de oposição ao aprofundamento da lógica do capital, na incorporação do social nos discursos contemporâneos como uma forma de cultivo do eu há a sinalização de uma nova consequência da neoliberalização do sujeito, relacionada ao equacionamento entre indivíduo e empresa (*idem*).

Não foi estranho ver, apesar da alegada derrocada econômica mundial, a propagação de notícias afirmando que a pandemia tornou possíveis novos nichos de mercado, como aquele das embalagens, dos entregadores de comida, dos cursos *on-line*, entre tantos outros. Mais uma vez, as próprias redes e *sites* de pesquisa são ilustrativos, pois pode-se pesquisar sobre “oportunidade” da pandemia e imediatamente acessar expressões como mercado, empreendedorismo, negócios, empresas, telesserviços, entre outras, associadas com o isolamento social e a pandemia.

As imagens que se reportam ao universo de oportunidades da pandemia remetem, assim, ao que Dardot e Laval (2016) chamam de “gozo de si”, buscado pelos sujeitos neoliberais. Os modos de subjetivação no âmbito do neoliberalismo conduzem ao desejo de uma realização de plenitude, da criação de ferramentas de autoconstrução, que contam de forma central com as ferramentas e técnicas do mundo *psi*. Sem a crença de que o sujeito pode se “automodelar” e alcançar seu máximo potencial, os apelos, ainda que em uma diversidade de semânticas, ao aproveitamento de todas as crises não seria possível.

A imagem de Buda (Figura 2) com a frase “Nunca desperdice uma crise” recebe em sua composição, na borda inferior, a autoria de um usuário do Instagram (@carlosaraujox) que mantém uma página dedicada ao que denomina de ciência dos hábitos, com publicação recorrente de mensagens e dicas principalmente relacionadas a construção de hábitos, comportamento humano, motivação, assim como comentários eventuais sobre eventos da vida contemporânea. A figura, no entanto, não se encontra mais em seu perfil, apesar de registrar sua autoria. Ela está disponível na página @drakatia, de profissional atuante

no ramo de “estética sistêmica integrativa”, “ciências neuropáticas”, com conteúdos relacionados a terapias corporais e tratamentos diversos para estética e bem-estar. Essa mesma postagem, no entanto, também aparece no Facebook nas páginas “Terra dos Budas”<sup>55</sup> e “Resiliência Humana”,<sup>56</sup> ainda com autoria atribuída a @carlosaraujox, mas desta vez com um texto que menciona a importância de assumir uma posição pessoal de bênção diante do ônus. Nos dois casos do Facebook, assim como na postagem de @drakatia, a frase “Nunca desperdice uma crise” permanece, mas na postagem da página “Resiliência Humana” a ilustração de Buda já não está presente.

Figura 2 – “Nunca desperdice uma crise”



Fonte: drakatia (2020)<sup>57</sup>

<sup>55</sup> Terra dos Budas. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2041947099258459&set=a.469065089880009>. Acesso em: 4 jun. 2024.

<sup>56</sup> Resiliência Humana. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2068014333307510&set=a.551589958283296>. Acesso em: 4 jun. 2024.

<sup>57</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CEvV\\_CcBtwY/](https://www.instagram.com/p/CEvV_CcBtwY/). Acesso em: 3 jun. 2024.

A página @carlosaraujox, apesar de não mais abrigar exatamente a mesma imagem, publicou em 17 de março de 2020 uma figura com a frase "A crise está aqui. Não desperdice-a". Em explícita menção à pandemia, desta vez, a postagem diz:

em face a pandemia do coronavírus, a reclusão tornou-se uma necessidade. Seja através das lentes da solidão ou da solitude, estar consigo emergiu como uma demanda necessária à nossa sobrevivência./ No entanto, "estar só" é apenas matéria-prima. O manufaturado que dela deriva, cabe ao serviço do ser./ [...] /A história não nos deixa sós... Em 1665, uma pandemia pôs Isaac Newton em isolamento. Foi a partir disso que ele decidiu permanecer em sua casa de campo por vários meses. Ali, recluso, ele desenvolveu o cálculo e suas teorias no campo da ótica e da gravidade [...].<sup>58</sup>

Essa mesma página, nos meses seguintes, em maio, abril, agosto e outubro de 2020, seguiu comentando direta e indiretamente a pandemia, em novas mensagens que remetiam à exigência de um aprofundamento em dimensões interiores da pessoa a partir da crise. O autor fala sobre as pressões pelo desempenho e a necessidade de se acalmar diante da crise e das emoções desestabilizadas;<sup>59</sup> sobre o papel do humano na sua (auto)destruição, fazendo a (paradoxal) proposta de que busquemos ainda mais fundo em nós mesmos por soluções;<sup>60</sup> da decepção como matéria-prima para o caminho espiritual;<sup>61</sup> da covid-19 como um momento de transição já anunciado pelo colapso ambiental e pela recessão econômica,<sup>62</sup> entre outras postagens.

Um dado interessante, facilmente observável ao acompanhar páginas de produção de conteúdo em grande quantidade,<sup>63</sup> é a

<sup>58</sup> A CRISE está aqui. Não desperdice-a. carlosaraujox. [S. l.], mar. 2020. Instagram: Carlos Araújo @carlosaraujox. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B92vYfKh6rK/>. Acesso em: 4 jun. 2024.

<sup>59</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-8EWq5BmbY/>. Acesso em: 4 jun. 2024.

<sup>60</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B\\_S-84lBTNc/](https://www.instagram.com/p/B_S-84lBTNc/). Acesso em: 4 jun. 2024.

<sup>61</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAS5SGihDRU/>. Acesso em: 4 jun. 2024.

<sup>62</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CEAdr0DpmDa/>. Acesso em: 4 jun. 2024.

<sup>63</sup> Algumas dessas páginas de produção de conteúdo chegam a realizar mais de 50 publicações num único dia.

repetição de textos e ilustrações em diferentes contextos, bem como a republicação de conteúdos tanto pelos próprios criadores quanto por outros sujeitos. Dada a própria dinâmica das redes sociais, qualquer postagem pode ressurgir a qualquer momento, sendo reutilizada com outras intencionalidades. Assim, postagens de anos passados podem reaparecer na linha do tempo quando passam a obter novamente o interesse dos usuários. As páginas de Facebook mencionadas haviam publicado a imagem (Figura 2) em 2019, e ela foi novamente publicada pela página @drakatia em setembro de 2020. Apesar dessas diferentes temporalidades, o fato de a mensagem inicial ter “reaparecido” no contexto da pandemia revela a função apelativa do discurso da “crise” nesses tempos que vivemos.

A crise como oportunidade, no entanto, apesar desses diferentes agenciamentos, não é uma ideia nova. Klein (2007) relembra o discurso do guru da economia neoliberal Milton Friedman logo após a passagem do furacão Katrina pelos Estados Unidos, em 2005. Conforme estudo de Klein (*idem*), Friedman defendeu abertamente que os eventos críticos ocorridos especialmente na Louisiana – epicentro da destruição pelo furacão – fossem capitalizados para a reforma do sistema educacional. Em oposição ao investimento direto do Estado na reconstrução das cidades, houve repasse de *vouchers* para que as famílias “gastassem em escolas privadas, com fins lucrativos, muitas inclusive subsidiadas pelo estado” (Klein, 2007, p. 5). Anos depois, segue a autora (*idem*), o sistema público de escolas foi quase totalmente substituído pelas escolas do modelo *Charter*, que se mantêm vinculadas ao Estado, mas com administração privada e regras próprias.

A situação não é muito diferente do que ocorreu no Brasil com a proposta de que se aproveitasse a pandemia para “passar a boiada”<sup>64</sup> na aprovação de normas controversas para a política ambiental, pelo próprio ministro do Meio Ambiente à época. Klein (2007) chamou esse novo desdobramento do neoliberalismo de “capitalismo do desastre”, com inúmeros exemplos de como o mercado agencia situações extremas, chamando-as de oportunidades, para transformações aceleradas de políticas públicas, reformas estatais, legislações, entre outras. Não à

---

<sup>64</sup> MINISTRO do Meio Ambiente defende passar “a boiada” e “mudar” regras enquanto atenção da mídia está voltada para a covid-19. *G1: Política*, [s. l.], 22 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>. Acesso em: 5 jun. 2024.

toa, também vimos usos da frase "Nunca desperdice uma crise" por empresários, economistas, mídias dedicadas ao debate econômico, entre outros.<sup>65</sup>

Vemos até aqui um duplo uso da ideia de "crise como oportunidade": a movimentação de setores da economia para aprofundar ainda mais modelos vinculados ao empreendimento e ao ganho econômico; e, paralelamente, por meio das redes sociais, a mobilização da crise como oportunidade de aperfeiçoamento de si e transformação pessoal, precisamente para "não perder" as chances trazidas pelo momento. Fora do enquadramento social neoliberal do "não perder a oportunidade", essa pressão não faria sentido. Dessa maneira, a pandemia não fez mais do que aprofundar a crise já vivida em nossos tempos, na medida em que representa um estado contínuo das coisas no neoliberalismo, retroalimentando o sistema ao ser utilizada como justificativa permanente para a constante deterioração das relações de trabalho, para o corte de salários e de políticas sociais (Santos, 2020).

No âmbito das discussões sobre ambiente e conservação, por sua vez, uma variedade de veículos anunciou a melhora da qualidade do ar e da água em diversos lugares do mundo. Apareceram fotografias e relatos do retorno de cisnes e golfinhos, em cujas águas limpas e claras, antes poluídas, poderiam viver novamente. Diversos sites de notícias, além dos muitos vídeos e postagens nas redes, assim como artigos científicos, passaram a anunciar reduções significativas nas emissões de carbono e na "lição" que a pandemia trouxe sobre conservação da natureza e sobre uma natureza que consegue se reconstituir. Com a diminuição do número de pessoas nos centros urbanos, o impacto do humano na natureza teria sido mitigado, e, por sua capacidade de reconstruir-se, a natureza estaria retomando seu "lugar de direito".

A recomposição da natureza destruída e a guinada dos humanos em direção a uma consciência mais "holística" foram um argumento

---

<sup>65</sup> Conferir:

a) DANTAS, F. O lado bom da pandemia. *Estadão*, [s. l.], 14 jul. 2021. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/blogs/fernando-dantas/o-lado-bom-da-pandemia/>. Acesso em: 5 jun. 2024.

b) "NUNCA desperdice uma boa crise". *AERP*, Curitiba, 14 maio 2020. Disponível em: <https://aerp.org.br/geral/nunca-desperdice-uma-boa-crise/>. Acesso em: 5 jun. 2024.

c) CAMARGO, R. F. A liderança mudou em tempos de caos e complexidade. *GlicFàs Consultoria*, São Paulo, 24 ago. 2021. Disponível em: <https://glicfas.com.br/a-lideranca-mudou-em-tempos-de-caos-e-complexidade/>. Acesso em: 5 jun. 2024.

comum nas redes sociais, desdobrando-se em uma variedade de outros artefatos. Notícias como essas passaram, eventualmente, a ser associadas com a reafirmação da crise climática e do Antropoceno, com a confirmação do impacto humano na natureza e, por fim, também com a formulação – ou retomada – de um modelo de saúde que articula noções de bem-estar, saúde mental, cuidado de si, cuidado da natureza, entre outros aspectos.

Muitas das imagens do mundo novo e verdejante que têm sido vinculadas à ideia da reconstrução da natureza já foram identificadas como falaciosas, fosse porque se referiam a momentos anteriores à pandemia, fosse porque escondiam o próprio aceleração de práticas de desmatamento, predação ou outras, em diferentes contextos. A expectativa pelo refazimento da natureza caminhou com a intensa produção de artefatos que tematizaram a transformação do humano e o alargamento de concepções de saúde, assim como a inclusão de diferentes prescrições, de certa forma reiterando as noções relacionadas ao campo econômico e ao empreendimento de si.

A Figura 3, assim como a anterior, tem uma circulação interessante pelas redes. A fonte citada é apenas uma, com pouco mais de 40 mil compartilhamentos, das muitas que estão disponíveis.<sup>66</sup> Correspondências exatas podem ser encontradas no Facebook, em páginas como “Almas do Universo”, “Sou psicólogo com muito orgulho”, “Instituto Xamânico Curadores de Gaia”, “Frases que tocam a alma”, “Sentimentos e Luz”, “Mundo Sustentável”, “O despertar que cura”, “Seu amigo guru”, além de dezenas de outras páginas de perfis profissionais de terapeutas, psicólogos, *designers* de interiores, arquitetos, entre vários outros. A imagem também aparece em redes como Twitter, Pinterest e Instagram, todas com datas de publicação entre 2020 e 2022, e várias delas carregando a *hashtag* “saúde mental”.

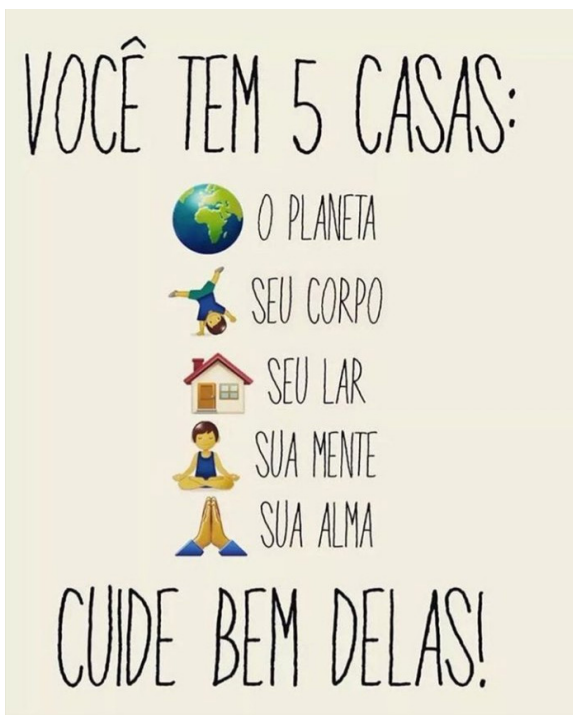
Assumindo, como conjectura analítica, que possamos olhar para essa segunda figura como uma *mise-en-scène* do modelo individualista de pessoa moderna (Dumont, 1985), encontramos alguns fios interessantes ao pensar a casa, o corpo e a mente (um outro corpo, em gesto de meditação) como alegorias centrais de pelo menos dois nexos que constituem a individualidade como valor: o corpo e a propriedade privada. Se, por um lado, podemos imaginar que as imagens expressas

---

<sup>66</sup> A consulta de correspondências exatas de imagem por meio da ferramenta GoogleLens permite um rastreamento de postagens públicas na *internet* com o conteúdo fornecido para consulta.

na figura não deixam de ilustrar valores importantes da noção de pessoa individualista moderna, ao mesmo tempo elas também parecem, no entanto, mobilizar outros sentidos.

Figura 3 – “Você tem 5 casas”



Fonte: Economia Ecológica (2022)<sup>67</sup>

A utilização dos modelos interpretativos propostos por Louis Dumont, porém, como bem salientou Maluf (2013, p. 140), “tendem a eclipsar a dinamicidade do individualismo (bem como do holismo, seu oposto complementar), tomando-os como formas puras e autocoerentes”. Segue a autora:

[...] consolidada a ideia moderna de indivíduo, a dinamicidade do modelo é praticamente reduzida a uma única direção: a maior parte das mudanças ocorreriam ou no sentido do aprofundamento

<sup>67</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/share/p/1Rspy7qxxK/?mibextid=wwXlfr>. Acesso em: 5 jun. 2024.

da passagem ao individualismo, ou, mais raramente e de forma negativa ou reativa, de um retorno a formas pré-individualistas (Maluf, 2013, p. 143-144).

Isto é, aceito o modelo individualista como uma forma moderna da noção de pessoa, muitos estudos que se aproximam da temática terminam por criar uma dicotomia em que ou o fenômeno observado aprofunda o individualismo já constatado, ou o refuta, deixando pouco espaço para pensar as dinâmicas ou, segundo o próprio Dumont (*apud* Maluf, 2013), os vários individualismos, e não apenas um único modelo.

A pandemia potencializou muitas e significativas alegorias, como sugeriu Santos (2020), e, entre elas, permitiu um encaixe inevitável na grande rede de alternativas terapêutico-religiosas e no modo como são difundidas nas redes sociais. Para além da propriedade e do corpo, o aparecimento do planeta e da alma é interessante, pois mostra uma outra articulação possível no discurso sobre manutenção da saúde em meio à pandemia, que poderia ser buscada no apelo comum ao desenvolvimento de uma consciência, também com os animais, com o planeta, consigo.

Categorias como as do corpo, da mente, do eu, da natureza, já altamente manuseadas, passaram também a representar um novo apelo, fosse confirmando muitas das teorias de que o humano um dia, enfim, destruiria o planeta, fosse confirmando os argumentos relativos a conexões entre espécies, mundos, dimensões. Evocando Jane Russo (1993), que avalia a emergência de terapeutas corporais na década de 1980 no Brasil, não se trataria tanto de “ideias fora de lugar”, mas de ideias em outros lugares, produzindo novos sujeitos, imagens e agências.

Acompanhando o circuito das terapias alternativas e das alternativas psicoterapêuticas em meu campo de pesquisa,<sup>68</sup> com espiritismo e psiquiatria, também foi comum a propagação de imagens que defendiam a crise como uma oportunidade de aprofundamento em si mesmo, para o desenvolvimento de novas habilidades e novas consciências. Para os grupos espíritas, de diferentes vertentes, a crise

---

<sup>68</sup> Entre 2011 e 2019, em diferentes momentos, realizei pesquisa de campo em uma clínica-dia para tratamento de transtornos mentais em uma das capitais do sul do Brasil (Ciello, 2013, 2015, 2019, 2020). Ao longo da pandemia, segui acompanhando alguns sujeitos, o que permitiu conhecer o modo como explicações envolvendo terapias alternativas, espiritismo e saúde mental também foram mobilizadas a respeito da pandemia e da quarentena.

do coronavírus foi largamente encarada como um sinal do mundo espiritual para que o planeta Terra desenvolvesse novos hábitos e evoluísse espiritualmente. Debates envolvendo transições cósmicas, assim como relacionados às múltiplas conexões dos humanos entre si e com outros entes (nesta e noutras dimensões) foram muito frequentes.

Voltando à mobilização da categoria “social”, resta, enfim, considerar, como vimos no início do ensaio, que, se as estratégias de biossegurança, principalmente o isolamento social, não foram formas amplas e se muitos sujeitos, principalmente aqueles que já vivem às margens do Estado (Lima, 2020; Maluf, 2021), foram duramente impactados pela pandemia, então a piora na saúde mental não decorreu exclusivamente da ausência do “social”. Mas é seguro dizer que o adensamento das alternativas terapêuticas biomédicas e não biomédicas, *psi*, tradicionais etc. durante a pandemia, associadas criativamente com noções de cuidado de si e cuidado da natureza, mostra que a pandemia potencializou o mundo da saúde e do cuidado e multiplicou os artefatos que podem ser analisados.

## Saúde mental como linguagem contemporânea

Este ensaio – animado que foi pelas inquietações da pandemia – baseou-se em uma elucubração sobre enunciados como os de que a crise causada pelo coronavírus foi uma oportunidade para a humanidade e de que a ausência do social restituiu vida à natureza destruída, mas também retirou a saúde mental dos humanos. Tentei abraçar um ponto de vista etnográfico que privilegia a ambiguidade e a instabilidade das categorias, não pela mera deseducação metodológica, mas imaginando a possibilidade de atentar para outras coisas que ela faz ao circular no mundo.

Há ainda uma questão final que merece comentário, relativa ao desenvolvimento da saúde mental nisso que gostaria de chamar de “linguagem contemporânea”. Esse argumento baseia-se fundamentalmente na ideia de que a noção de saúde mental aparece de maneiras muito diversas em nossa vida cotidiana e que essa circulação foi altamente potencializada durante a pandemia. Falar em linguagem parece oportuno nesse sentido, pois há muitos aspectos do conceito que podem ser articulados, (re)estruturados, (re)contextualizados nos múltiplos atos comunicativos em que ele aparece. Assim, quando a

expressão “saúde mental” surge em uma postagem com um buda em posição de meditação, ainda que não esteja presente a intencionalidade do ator por detrás, ainda assim há uma distribuição de propensões à ação. As oportunidades da pandemia, portanto, foram também integrantes de um dispositivo, ou de uma linguagem, que situa a saúde mental como um bem central na manutenção da produtividade e da capacidade de autogestão do sujeito.

Ao longo de minha vivência-observação das redes, encontrei o artigo de Aaron Neiman (2020), com o sugestivo título “Have some mental health”, comentando a dificuldade de processar os eventos críticos de nosso tempo. Para o autor, de alguma maneira a saída encontrada para a governança do sofrimento mundial desses eventos extremos era justamente a de prescrever saúde mental (*idem*). As redes sociais, acredito, cumpriram bem esse papel, fazendo circular de modo difuso a saúde mental como estratégia salvadora para uma variedade de problemas. “Tenha saúde mental”, ou “cuide de sua saúde mental”, é uma das grandes prédicas da vida em nosso tempo; nesse sentido, me parece que ela tem se transformado em uma categoria central para avaliar os modos por meio dos quais distintas instituições se posicionam no contemporâneo.

A pesquisa de Ana Beatriz Melo de Oliveira (2022) mostra um sumário interessante da pluralidade de sentidos atribuídos à saúde mental nas redes sociais. Em pesquisa a partir da *hashtag* “saúde mental” no Instagram, a autora produziu, de um conjunto de 150 postagens, um quadro com 12 códigos para classificar os tipos de intervenção que caracterizam o aparecimento da expressão nessa rede. Vemos no quadro descritivo proposto pela autora (Oliveira, 2022, p. 18) publicações que vão desde conteúdo publicitário (de psicólogos, *coaches* ou de comunicação comercial) até autoajuda, práticas diagnósticas e autodiagnósticas, emagrecimento e nutrição, mensagens de superação e de autoconhecimento, entre muitas outras. O maior volume de postagens identificadas está centrado nos códigos da publicidade e da motivação, incentivando a autora a dizer:

A saúde mental passa assim a ser uma plataforma do mercado em que não é necessário que haja uma relação profunda com o conceito alvo, já que ao reconhecer sua importância no cenário atual a marca sai na frente da concorrência tanto por pura exposição através do algoritmo, quanto pela imagem que cuidar ou se importar com saúde mental está atrelado aos hábitos de consumo atuais (Oliveira, 2022, p. 27).

A saúde mental nem sempre aparece explícita, portanto, mas articulada com imagens e discursos que a abordam como resultado da adoção de determinados comportamentos relacionados com o mercado, a natureza, os animais, o melhoramento de qualidades da pessoa, a prática de exercícios, religião e espiritualidade, o consumo de produtos, entre outros. Esse conjunto de eventos parece associado com um contexto mais amplo de psicologização da vida social, mas ao mesmo tempo também parece ser o resultado da colocação de algumas ideias em novos lugares, como afirmei anteriormente. Um traço central, então, referente ao que foi tomado como dado na pandemia, é a utilização da saúde mental como uma forma de descrever um certo tipo de relação do sujeito com o mundo ao redor, com o próprio contexto de crise, consigo mesmo, fortalecendo uma ideia de saúde e de saúde mental como capacidades incontornáveis para habitar o tempo presente.

Como sugere Stengers (2009), diferentes formas de conexão entre participantes de uma prática podem ser assumidas no próprio curso da ação, definindo contextualmente o que é importante, que tipos de vínculo e de ação/relação se desprendem daí. A possibilidade de agência, portanto, aparece no curso da própria ação, e não como uma qualidade dada *a priori*. Mahmood (2006) sugeriu, igualmente, que a agência pode ser mais bem pensada em termos dos processos capazes de conduzir alguém à ação, deslocando a atenção das qualidades que tornam alguém um agente para os processos e articulações inerentes a relações.

Partindo do que propõe Neiman (2020), podemos perceber que a intensa circulação de “saúde mental” dispõe novos sujeitos em diferentes práticas e campos que cruzam terapias, tratamentos, religiões, saúde, bem como questões ecológicas, mercado, política e economia. Para Neiman (2020, s. p., tradução nossa):<sup>69</sup>

[...] a linguagem da “saúde mental” tem emergido como um discurso popular em seu próprio direito; um idioma usado pelo Estado, empresas, a mídia, e na linguagem cotidiana. Usada dessa forma, não se trata somente de “saúde mental” como um

---

<sup>69</sup> No original: “[...] *the language of ‘mental health’ has emerged as a popular discourse in its own right; an idiom used by the state, business interests, the media, and the laity in everyday language. Used this way, it is not only ‘mental health’ as a new axis of self-improvement and self-care, but as a feature of society and collective experience*” (Neiman, 2020, s. p.). Disponível em: <https://aesengagement.wordpress.com/2020/05/05/have-some-mental-health-the-black-summer-bushfires-covid-19-and-the-governance-of-psychic-retreat/>. Acesso em: 30 set. 2025.

novo eixo do empreendimento de si e do autocuidado, mas como um aspecto da sociedade e da experiência coletiva.

Para Neiman (*idem*), que avalia os impactos dos incêndios de 2020 na Austrália, eventos como esse são uma preparação sombria para as dificuldades do tempo presente, que nos últimos anos envolveram a pandemia, as crises ecológicas, a guinada liberal em vários governos no mundo, entre outras emergências. O aparecimento da saúde mental em toda sua força retórica, diz o autor, sinaliza um recuo do Estado em direção ao reino do psíquico como forma de recusar a possibilidade de construir um futuro mais habitável.

Comentários como esse sinalizam, inevitavelmente, a correlação estreita entre saúde mental, capitalismo e neoliberalismo. Em seu trabalho, Corbanezi (2021) compara a novidade que a saúde mental tem representado nas últimas décadas ao princípio da maximização da vida já descrito no conceito de biopolítica foucaultiano. Utilizando o trabalho de Robert Castel e de Alain Ehrenberg, Corbanezi (*idem*) reafirma que, diante dos imperativos da produtividade, da eficiência, da maximização infinita dos potenciais pessoais, interessaria mais investir na intensificação de um funcionamento normal do que compreender de modo amplo o impacto da modernidade na saúde. O paradigma da autonomia, central para os modelos terapêuticos praticados contemporaneamente, seria, na perspectiva de Corbanezi (2021, p. 138), “uma nova normatividade social”, cuja ausência denunciaria um fracasso insuportável na vida presente – o fracasso do aperfeiçoamento pessoal, do cultivo da produtividade e da eficiência, seja no trabalho ou nas relações pessoais.

As imagens, documentos e postagens que evoquei ao longo do texto colocam em movimento proposições sobre diversas ideias, mas, centralmente, sobre as qualificações necessárias para habitar o contemporâneo, no modo como saúde mental se tornou uma prescrição mais do que uma abordagem ampliada. Esse modo inespecífico e difuso de aparecimento da saúde mental, como talvez de outros conceitos mais abrangentes que atravessam o grande universo da saúde, está relacionado com o surgimento de “subpsiquiatrias” (*idem*). A constante ênfase na saúde mental como um conceito que ultrapassa a antiga doença mental e que também deve ser olhado de modo multidisciplinar incentiva a “multiplicação da função-psiquiatra no corpo social” (*idem*, p. 130). O dispositivo psiquiátrico não é, portanto, dissolvido pelas reformas

psiquiátricas e resulta na potencialização de outros lugares que desejam e que produzem regimes de verdade (Foucault, 2019).

Com efeito, diferentes instituições e agentes são convocados cotidianamente para promover a saúde mental e prevenir os problemas que lhe são relativos. Além da equipe multiprofissional e interdisciplinar que constitui o campo da saúde mental, atuam com esse propósito a mídia, a comunidade, a escola, a família, a empresa e, no limite, o próprio indivíduo, que, responsável por sua condição, deve se tornar uma espécie de psiquiatra de si mesmo (Corbanezi, 2021, p. 132).

Quando trago imagens que não necessariamente sinalizam uma correlação explícita com a saúde mental, tento imaginar justamente o potencial dessa inespecificidade para fazer circular esse modo de ser pessoa na contemporaneidade e que outras agências ele provoca. O ambiente virtual e a mediação algorítmica (Cesarino, 2021) evidentemente cumprem aí uma função central e que deve ainda ser avaliada para o caso da saúde mental, assim como sua correlação com o potencial do neoliberalismo de tornar o mercado “o princípio do governo dos homens e do governo de si” (Dardot; Laval, 2016, p. 34), aspectos que, enfim, ficam evidentes na crise gerada pelo coronavírus, que, em minha leitura, deixa ainda a dúvida sobre as transformações desejadas: se, de fato, é mesmo possível aproveitar a oportunidade de ir em direção a um novo modelo de sociedade.

## Referências

- ADAMS, M. Coming back down to Earth: exploring distress, loss and grief in the Anthropocene. *Mad in the UK*, [s. l.], 14 ago. 2020. Disponível em: <https://www.madintheuk.com/2020/08/distress-loss-grief-in-the-anthropocene/>. Acesso em: 5 jun. 2024.
- AFONSO, P. O impacto da pandemia de covid-19 na saúde mental. Cartas ao Editor. *Acta Médica Portuguesa*, [s. l.], v. 33, n. 5, p. 351-358, maio 2020.
- AMARANTE, P. *Saúde mental e atenção psicossocial*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.
- CAPONI, S. O sofrimento psíquico em tempos de neoliberalismo. In: DIEHL, E. E. et al. (org.). *Antropologias do contemporâneo: uma homenagem a Sônia Weidner Maluf*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2022. p. 121-136.

CESARINO, L. Antropologia digital não é etnografia: explicação cibernética e transdisciplinaridade. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 304-315, 24 ago. 2021.

CIELLO, F. J. *Saúde mental, loucura e saberes: reforma psiquiátrica, interações e identidades em uma clínica-dia*. 2013. 162 fls. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

CIELLO, F. J. Sobre a loucura e sobre o social: práticas psiquiátricas contemporâneas e suas (re)configurações. In: REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA, 5.; REUNIÃO DE ANTROPÓLOGOS DO NORTE E NORDESTE, 14., 2015, Maceió. *Anais [...]*. Maceió: [s. n.], 2015. p. 1-21. Disponível em: <https://evento.ufal.br/anaisreaabanne/>. Acesso em: 30 set. 2025.

CIELLO, F. J. *A vida do diagnóstico*. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

CIELLO, F. J. Sujeitos, histórias e doenças no campo da saúde mental: notas para uma antropologia do diagnóstico. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 32., 2020, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Maceió: EDUFAL, 2020. p. 1-10. Disponível em: <https://www.anais.rba.abant.org.br/32rba/>. Acesso em: 3 jul. 2025.

CORBANEZI, E. *Saúde mental, depressão e capitalismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2021.

DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUMONT, L. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

FARO, A. *et al.* Covid-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 37, p. e200074, 2020.

FOGAÇA, P. C. *et al.* Impacto do isolamento social ocasionado pela pandemia de covid-19 sobre a saúde mental da população em geral: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, [s. l.], v. 10, n. 4, e52010414411, 2021.

FOUCAULT, M. *O governo de si e dos outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. *A microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREITAS, F.; AMARANTE, P. Precisamos de mais psiquiatria? *Mad in Brasil: Ciência, Psiquiatria e Justiça Social*, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://madinbrasil.org/2022/12/precisamos-de-mais-psiquiatria/>. Acesso em: 5 fev. 2023.

KLEIN, N. *The shock doctrine: the rise of disaster capitalism*. Nova Iorque: Metropolitan Books, 2007.

LIMA, R. C. Distanciamento e isolamento sociais pela covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. e300214, 2020.

MAHMOOD, S. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. *Etnográfica*, Lisboa, v. 10, n. 1, p. 121-158, maio 2006.

MALUF, S. W. Por uma antropologia do sujeito: da pessoa aos modos de subjetivação. *Campos: Revista de Antropologia*, [s. l.], v. 14, n. 1/2, p. 131-158, dez. 2013.

MALUF, S. W. Biogitimacy, rights and social policies: new biopolitical regimes in mental healthcare in Brazil. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, Brasília, v. 12, n. 1, p. 321-350, jan. 2015.

MALUF, S. W. Antropologia em tempo real: urgências etnográficas na pandemia. Antropologia na Pandemia. *INCT Brasil Plural*, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://brasilplural.paginas.ufsc.br/antropologia-na-pandemia/antropologia-em-tempo-real-urgencias-etnograficas-na-pandemia/>. Acesso em: 5 fev. 2023.

MALUF, S. W. Janelas sobre a cidade pandêmica: desigualdades, políticas e resistências. *TOMO*, São Cristóvão, n. 38, p. 251-285, jan./jun. 2021.

NEIMAN, A. Have some mental health: the black summer bushfires, covid-19, and the governance of psychic retreat. *Engagement*, [s. l.], 5 maio 2020. Disponível em: <https://aesengagement.wordpress.com/2020/05/05/have-some-mental-health-the-black-summer-bushfires-covid-19-and-the-governance-of-psychic-retreat/>. Acesso em: 6 fev. 2023.

OLIVEIRA, A. B. M. *Quem fala de que? Saúde mental como produto, Instagram como mercado*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro de Educação, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2022.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Constituição da Organização Mundial da Saúde*. Nova Iorque: OMS, 1946. Disponível em: <https://apps.who.int/gb/bd/PDF/bd47/EN/constitution-en.pdf?ua=1>. Acesso em: 6 fev. 2023.

ORNELL, F. et al. "Pandemic fear" and covid-19: mental health burden and strategies. *Brazilian Journal of Psychiatry*, [s. l.], v. 42, p. 232-235, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>.

RAONY, I. et al. Psycho-neuroendocrine-immune interactions in covid-19: potential impacts on mental health. *Frontiers in Immunology*, [s. l.], v. 11,

p. 1-15, 2020. Sec. Multiple Sclerosis and Neuroimmunology. DOI: <https://doi.org/10.3389/fimmu.2020.01170>.

RIBEIRO, E. G.; NOGUEIRA, J. de O. Saúde mental na perspectiva do enfrentamento à covid-19: manejo das consequências relacionadas ao isolamento social. *Enfermagem e Saúde Coletiva*, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 47-57, 2020.

RIBEIRO, Í. A. P. *et al.* Isolamento social em tempos de pandemia por covid-19: impactos na saúde mental da população. *Enfermagem Atual in Derme*, Rio de Janeiro, v. 92, n. 30, p. 4-5, abr./jun. 2020.

RUSSO, J. *O corpo contra a palavra: as terapias corporais no campo psicológico dos anos 80*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993.

SAFATLE, V. Introdução – Em direção a um novo modelo de crítica: as possibilidades de recuperação contemporânea do conceito de patologia social. In: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N. da; DUNKER, C. (org.). *Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 7-35.

SANTANA, V. V. R. da S. *et al.* Alterações psicológicas durante o isolamento social na pandemia de covid-19: revisão integrativa. *Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, Uberaba, v. 8, suppl. 2, p. 754-762, 2020.

SANTOS, B. de S. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Grupo Almedina, 2020.

SCHMIDT, B. *et al.* Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (covid-19). *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 37, p. e200063, 2020.

STENGERS, I. Including nonhumans in political theory: opening Pandora's box? In: BRAUN, B.; WHATMORE, S. J. (org.). *Political matter: technoscience, democracy, and public life*. Mineápolis: University of Minnesota Press, 2009. p. 3-33.

WHITE, R. G. Mental wellbeing in the Anthropocene: socio-ecological approaches to capability enhancement. *Transcultural Psychiatry*, [s. l.], v. 57, n. 1, p. 44-56, 2020.